

O SISTEMA DE POSSE DE TERCEIRA PESSOA DO PORTUGUÊS VERNACULAR DE LUANDA

Rosane Santos Olimpio de Sena¹; Eliana Pitombo Teixeira²

(1) Bolsista IC/UEFS, Graduanda em Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana
Vernáculas. e- mail:rosanesena1@hotmail.com

(2) Professora do Departamento de Letras e Artes (DLA), Universidade Estadual de Feira de
Santana.e-mail: liapitombo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Português angolano, pronome possessivo de terceira pessoa, contato linguístico

INTRODUÇÃO

Pretende-se, através desse estudo, encontrar ou não pontos de convergência entre o português vernáculo de Angola (PVA), mais especificamente o da cidade de Luanda, e o português vernáculo do Brasil (PVB), levando em conta o fato em que ambas as variedades estiveram em contato com línguas africanas e mais ainda, tiveram um input, uma variedade de língua adquirida em condições adversas. Busca-se, portanto, comparar a morfologia pronominal nessas duas vertentes. O estudo focará no sistema de posse do português angolano e utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972 [2007]) para descrever e analisar o uso de formas indicativas de posse referente a terceira pessoa do discurso tanto do singular quanto do plural, para, assim contribuir na descrição do perfil sociolinguístico da população da base da pirâmide de Luanda, como também para o entendimento da história sociolinguística do português brasileiro. Para tanto deve-se considerar a história do contato entre as línguas e o processo de colonização dos seus povos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa segue os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Quantitativa, conforme formulada por William Labov (1972). Tal modelo possui uma metodologia que dá conta da variação nas línguas e busca estabelecer fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar o uso de certas variantes. Tal teoria entende a língua como um fato sociocultural, incorporando a descrição de fenômenos variáveis como parte da descrição da língua, cuja heterogeneidade não é arbitrária, mas sistemática, inerente ao sistema e determinada linguística e/ou extralinguisticamente de forma predizível, ou seja, assume-se o postulado de que a variação não é aleatória, mas sim governada por restrições linguísticas e não linguísticas (MOLLICA & BRAGA, 2003). Os dados aqui utilizados fazem parte do banco de dados do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”, coordenado pela professora Eliana Pitombo Teixeira, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, e foram coletados em Luanda, no ano de 2008. Foi analisado o sistema pronominal de posse da P3, na fala de 10 informantes de ambos os sexos, sendo eles 5 analfabetos e 5 com pouca escolaridade, cujas línguas maternas são o português ou as línguas nacionais de Angola. Estabelecemos como variável extralinguística a língua materna, e os fatores linguísticos determinação/indeterminação do possuído e referente +/- humano/animado.

RESULTADOS

Observe-se os números da tabela 1, abaixo onde se pode ver que o uso da forma *dele/a* típicos do português do Brasil, é quase o dobro da forma *seu/sua* na amostra de Luanda. Trabalhos anteriores tem mostrado que a forma *seu/sua* se tornou ambígua devido a introdução de *você* como segunda pessoa. Tal fato foi apontado por Machline (1996), Araujo (2009), entre outros.

	Apl./N	%
Seu/a	21/58	36
Dele/a	37/58	63

Tabela 1. Possessivos de 3ª pessoa

Machline (1996) comenta que as gramáticas assinalam a existência de formas pleonásticas que sempre existiram como estratégia desambiguizadora entre o singular e do plural. A autora constata a rejeição à forma *dele/a*, quando se trata de indicar possuidores objetos. Mesmo assim, em dados recentes já se encontra tal forma em referencia a esse tipo de possuidor. Não pudemos testar essa variável, pois na nossa amostra não ocorre possuidor objeto. Quanto a variável definitude do referente, verificamos que apresenta uma diferença significativa no uso do *seu* para referente indefinido em relação ao definido, como mostra a tabela 2 abaixo.

DEFINITUDE DO REFERENTE	APLICAÇÃO/ NUMERO	%	PESO RELATIVO
+ DEFINIDO	11/45	24	0,37
- DEFINIDO	9/11	81	0,89

Tabela 2. O possessivo *seu* em relação a definitude

Foram encontradas 11 ocorrências de um total de 49 sentenças com o possessivo *seu* com referência definida, enquanto que das 11 ocorrências não definidas., 9 utilizam o possessivo de 3ª pessoa. Observe-se o peso relativo para o uso de *seu/sua* como indefinido é bastante alto e polarizado com o definido.

(1) Também tinha a **sua** casa lá no Rangel

(2) Isso cada um tem as **suas** maneiras de fazer.

Machiline (1996) diz que a forma *dele* é condicionada ao fator “humano”, fato que é corroborado por Mollica (1977, p.68) para cópias do relativo em enunciados do tipo: “Os filmes que gostamos deles são muitos”, em que as formas *ele*, *dele* etc... são favorecidas por esse traço, e por Omena (1978) que estudou o pronome “*ele/a*” em função acusativa e constatou ser “*ele/a*” favorecido pelo fator “animado/humano”. Não pudemos testar essa variável, já que no corpus não foram encontradas ocorrências de possuidores não humanos.

(3) ...“mas os pais dela também tinham se mudado pra lá”

(4) “eu nas amigas dela consegui de localizar”

CONCLUSÃO

Procurou-se, através deste trabalho, demonstrar a ocorrência do uso do *seu/sua* de 3ª pessoa com o *dele/a* na fala de luandenses. Foi feita uma rodada dos dados no programa computacional Goldvarb que mostrou uma preferência pela forma *seu/sua* entre informantes de escolaridade nula ou baixa. Nossos resultados mostram-se diferentes dos de Machline, em que as formas *dele/a* são mais usada do que *seu/sua*. Tal diferença, explica-se pelo fato de que a segunda pessoas direta, *tu/te/tua* é ainda produtivo na comunidade luandense mesmo entre informantes não escolarizados, entre os quais a forma pronominal *você*, já é usada com certa frequência. Assim, e o possessivo *seu* é usado para terceira pessoa e *teu* variando com *seu* para a segunda.

É importante salientar que nenhum fator extralingüístico foi selecionado, o que pode ser explicado por se tratar de uma variação estável.

Pretende-se ampliar o trabalho, analisando novos dados e acrescentar o fator pessoa do discurso por ter-se observado uma tendência ao uso de *seu* como possessivo de 2ª pessoa do discurso, como acontece no português do Brasil.

Referências

LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. Trad. Marcos Bagno; Ma. Marta Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. ARAUJO, Silvana Silva de Farias. O Sistema de expressão de posse. In: Lucchesi, D: Baxter, A: Ribeiro, I. O Português Afro Brasileiro. Salvador, EDUFBA, 2009. MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 2001. De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: Matos e Silva, Rosa Virgínia (org.). Para a história

do português brasileiro. Vol. II: primeiros estudos, tomo II. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP:FAPESP, pag. 275-302.

MINGAS, Amélia A. Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda. Caxinde: Luanda, 2000.

MONTEIRO, Jose Lemos. Para compreender Labov. RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. **Padrões Sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, Departamento de lingüística e filologia, UFRJ, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Mudança Linguística em tempo real. Rio de Janeiro. FAPERJ, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.